



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ANGELA LANGARO BECKER

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado/a: Angela Langaro Becker

Nascimento: 10 de junho de 1954

Local da entrevista: Consultório da entrevistada

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 14 de abril de 2014

Transcrição: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 43min45seg

Páginas Digitadas: 13 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de dança de João Luis Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Identificação; Escola de Dança João Luiz Rolla; A escolha pelo balé e as escolas da época; Espaço físico; Colegas de turma; Método de ensino; Avaliação na escola; Professores convidados; Expectativa quanto a profissionalização artística; Espetáculos da escola; Período após a formatura; Formação profissional; Momento final na clinica geriátrica; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 14 de abril de 2014. Entrevista com Angela Langaro Becker a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C.- Qual teu nome completo?

A.B.- Angela Langaro Becker.

M.C.- Em que período tu estudaste na escola de dança de João Luis Rolla?

A.B.- Eu comecei lá acho que em 1960. Me formei em 1969, eu tinha quinze anos.

M.C.- Qual a localização da escola?

A.B.- Ah! Pois é, a primeira escola. A primeira escola que eu estudei era no centro eu não me lembro onde... Na verdade quando eu tinha quatro anos, em 1958, eu fiz uns dois aninhos na escola da Salma Chemale. Mais a gente é claro, com esta idade, não aprendia nenhum passinho de dança. Era para aprender o ritmo e tinha instrumentos musicais era uma bandinha, quase isso. E quando eu entrei no Rolla eu já era um pouquinho maior e o Rolla já tomava a bailarina desde criança como gente grande, no sentido de que tinha que dar conta de assumir, de entender, de se disciplinar. Ele sempre foi extremamente rigoroso neste sentido.

M.C.- Tu falaste da Chemale então tu lembras quais as escolas que existiam na época?

A.B.- A Tony¹ ainda era viva, devia ter a sua escola. Tinha a Salma Chemale e o Rolla. Eram só escolas de balé clássico. Acho que não tinha nada mais além do balé clássico em Porto Alegre, eu acredito.

M.C.- E o que motivou a tua troca de escola porque eram os teus pais que te levavam para a escola?

¹ Antônia Seitz Petzhold.

A.B.- Claro! O meu pai era um fanático por música clássica e balé. Assim, eu e minha irmã entramos na escola de balé e também entramos no piano. Isso era uma formação importante naquela época. Não foi uma escolha, certamente foi uma influencia do pai. Mas depois passou a ser uma escolha para mim. Aprendi a amar a dança. A mudança de escola acredito que foi porque que a escola do Rolla já era uma escola que tinha um nome importante. Se a gente queria seguir mesmo o balé, então era melhor ir para uma escola de renome na cidade.

M.C.- Era comum as meninas fazerem balé nesta época?

A.B.- Eu acredito que isso era uma coisa bem da época. Era algo como uma boa formação, não uma boa profissão, mas formação para as meninas. Acredito que se eu tivesse seguido uma carreira seja ela de que arte fosse, eu transitei por muitas artes cênicas na minha adolescência, mas todas foram alternativas, não profissionais, eu acredito que meu pai ia ficar muito decepcionado, ia ficar muito chocado. Ele achava que isso era uma carreira que além de não dar dinheiro para ninguém, era uma carreira que acabava perdendo as moças, as moças se perdiam, vamos dizer assim, nessas carreiras de artes cênicas. Acho que ele não iria gostar nem se eu seguisse no piano ou fosse música. Mas o que eu mais fiz, mais me dediquei, foi o balé. Mas enfim, lá pelo meus dezoito anos eu comecei a fazer teatro infantil fiz uma peça com a direção de Sergio Ilha que é um cara que sumiu hoje da direção de teatro. Ah! Tinha no elenco a Kátia Suman que atuou comigo. O nome da peça era “Há algo de novo no reino do galinheiro”. Era um musical que tinha no elenco um monte de gente que hoje é conhecida no meio cultural. Ganhamos o Prêmio Açorianos naquele ano. O algo de novo era eu no galinheiro. Era um *galpepanso* mistura de galo, peru, pato e ganso. Eu cantava com uma vizinha de criança e dançava e era por isso enfim que o diretor me escolheu. Depois logo em seguida eu pude fazer parte de um grupo musical uma banda que se chamava “Inconsciente Coletivo” e nessa época eu já estava na faculdade. O nome da banda tinha a ver com Jung, uma linha que nós gostávamos muito. Nós, quero dizer, meu colega Alexandre Vieira, que foi meu namorado depois e junto com João Antonio² formamos esta banda.

M.C.- Que curso que tu fazia na faculdade?

² Nome sujeito a confirmação.

A.B.- Psicologia. Enfim, essa banda durou bastante tempo. Nós cantamos por várias cidades no RGS, Santa Catarina, Paraná. Em São Paulo gravamos um disquinho na gravadora Tape-Car. A mesma gravadora que gravou as músicas do Hermes Aquino, um compositor gaúcho muito conhecido da nossa época, com sua música Nuvem Passageira. Foram muitas bandas que tiveram em Porto Alegre entre os anos 70 e 80, inclusive o Saracura do qual fazia parte o Nico Nicolaievsky³. A gente foi contemporâneo. Saíamos de ônibus para fazer shows em várias cidades. Os shows se chamavam “Vivendo a Vida de LEE”. Era o Julio Fürst que organizava. Foi então outro momento superimportante da minha vivência nas artes cênicas. Eu fazia isso, mas estudava Psicologia. Queria ser psicóloga, mas amava as artes cênicas.

M.C.- Paralelo a isso, voltando então um pouquinho para a escola me fala o que tu te recordas da estrutura física de onde tu estudava, que talvez seja no centro tu não tem bem certeza , mas como era o espaço?

A.B.- A escola do centro eu me recordo pouco, mas me recordo mais da escola no Araujo Viana que eu acho que talvez logo em seguida o Rolla foi prá lá então, posso te falar de lá. Me recordo que era uma entrada do lado do palco, acho que hoje deve ter salas lá dentro com aquelas janelas lá em cima. A gente entrava subia as escadas, era só na parte de cima a parte de baixo ali não era escola, escola tinha só a sala lá em cima uma sala bem boa bem grande. Algumas mães ficavam esperando, mas não podiam entrar na sala. Esperavam em bancos no corredor. Tinha algumas aulas que ele deixava assistir era uma vez ou duas vezes por ano não mais do que isso. Mas algumas mães ficavam esperando no corredor sentadas do lado de fora. Muito dedicadas passavam enfim à tarde ali naquelas duas horas de aula esperando. O nosso vestiário era no fundo da sala, bem no fundo. E tinha uma das coisas que era bem importante o piano de meia cauda que fazia parte uma época. Algumas coisas eu acho que a gente alucina quando tenta lembrar...[risos] não sei se tinha piano de meia cauda ou era um piano simples, mas eu era tão fascinada com aquele piano que na memória ficou como um piano de meia cauda.

M.C.- Tu falaste em aula de duas horas tu te recorda o tempo?

³ Artista e músico gaúcho.

A.B.- Eu recordo que a aula tinha de uma hora e meia a duas horas , eu acho que sim! Talvez isso acontecesse mais com os últimos anos, porque o Rolla formava as alunas e fazia um grupo de formadas e esse grupo de formadas eu fiz parte bastante tempo. Foi ali que eu conheci inclusive a Sayonara⁴ e muitas que hoje ainda se dedicam à dança. Estas colegas não eram da minha turma, mas a turma das formadas ia agregando e juntando as bailarinas de todas as turmas, que queriam permanecer dançando.

M.C.- E vocês dançavam, vocês se apresentavam?

A.B.- Sim! Eram as formadas que faziam o ato mais importante do espetáculo de final de ano. A gente se sentia como se fôssemos profissionais. Nos apresentávamos todos os anos, no final do ano. E passávamos o ano todo nos preparando. Por isso as aulas duravam mais tempo, principalmente a partir do segundo semestre. Tinham os ensaios.

M.C.- Tu te lembras de colegas que estudaram contigo na tua turma sabes me dizer nomes?

A.B.- Eu ia ate trazer uma foto enfim da minha turminha que se formou comigo que todas nós tirávamos uma foto com o Rolla no meio da escadaria do Teatro São Pedro. Era sempre no Teatro São Pedro a formatura. Enfim eu me lembro da Cristina Kaschny⁵ que foi minha colega de colégio e também no balé, a Mirne⁶ , a Joyce⁷, a Marília⁸ ... A Regina⁹ sabe o nome de todas. A Verinha, não é Verinha, Aninha, Aninha era uma. Nós tínhamos duas Anas na aula. O Rolla chamava o Anão que era a Ana grande a Aninha que era a Ana baixinha. O Anão era a Ana Maria¹⁰ e a Aninha acho que era Ana Lúcia¹¹. A Aninha tirou o primeiro lugar na banca de formatura. E eu tirei o segundo e eu ganhei este quadrinho que tá aqui.

M.C.- Que lindo !

⁴ Sayonara Pereira, ex-aluna da Escola de dança João Luis Rolla.

⁵ Maria Cristina Kaschny, ex-aluna da Escola de Dança João Luis Rolla.

⁶ Mirne Kátia Bridigi, ex-aluna da Escola de Dança João Luis Rolla.

⁷ Nome sujeito a confirmação.

⁸ Nome sujeito a confirmação.

⁹ Regina Adylles Endler Guimarães, ex-aluna da Escola de dança João Luis Rolla.

¹⁰ Ana Maria Costa

¹¹ Ana Lúcia Pires Machado

A.B.- Deveria ter posto num quadro mas nunca quis que desaparecesse esta parte de trás. Aqui tem o segundo lugar e a data de mil novecentos e sessenta e nove.

M.C.- Então, tu me mostra agora um quadro pintado acredito que seja uma pintura, não é? e tem uma dedicatória atrás: “aluna Ângela Lângaro classificada em segundo lugar nos exames finais dessa escola no ano de 1969 oferece a Escola de Dança João Luiz Rolla”
Muito lindo!

M.O. – Então ele costumava usar apelidos para tratar vocês ?

A.B.- Ah sim! Nossa ele era um homem muito rígido, professor muito rígido, mas extremamente afetivo, extremamente engraçado! Ele passava todo tempo exigindo, mas tirando sarro da gente. Ele tinha um humor assim que às vezes podia parecer humilhação. Algumas até ficavam meio ofendidas às vezes, mas ele fazia aquilo com afeto. Ele tinha um humor sarcástico. Era a maneira que ele puxava a gente para disciplina. Ele botava nomes, apelidos carinhosos prá todo mundo. Assim, meu apelido de criança e dos lugares onde eu transitei até adolescência era sempre o mesmo era “Anginha”. Anginha eu era no balé, eu era na banda onde cantava... e aí o Rolla dizia que eu era Diabinha. Eu me lembro de expressões, assim por exemplo, que a gente dizia quando tava muito difícil o exercício: “não consigo”! “Não consigo”? ele dizia prá nós: “aleja que tu consegue”. [riso] Ele era assim. Às vezes as mães e os pais que assistiam os ensaios no Teatro São Pedro ficavam escandalizados com o jeito dele. Ele deixava os pais assistirem alguns ensaios. Até porque ele queria avaliar as fantasias pra ver como estavam. Eles sentavam na plateia mesmo e a gente ensaiava no palco e o modo como ele lidava com a gente tinha algumas mães que não estavam acostumadas, ficavam chocadas. Ele avacalhava completamente as fantasias que estavam fora do padrão. A maioria dava risada do jeito dele, mas algumas ficavam ofendidas. Realmente a preocupação dele era de puxar mesmo, de colocar na obrigação, de profissionalizar o máximo possível. A gente que conhecia ele via que ele estava extremamente atento a tudo o que a gente fazia e se tu acertava enfim e correspondia à expectativa dele, ele te botava nos céus. Era algo que valia a pena assim.

M.C.- E a varinha?

A.B.- A varinha fazia parte.

M.C.- Como?

A.B – Porque a varinha dele na gente não era muito diferente do tipo de educação que acontecia dentro de casa, na época. Nas aulas de dança tinha a varinha, mas em casa tinha chinelo, tinha cinta. A educação era na base do vamos lá que se não fez, vai levar... A varinha dele era mais pra moralizar do que bater. Ele não machucava a gente, mas batia na perna enquanto dizia: “estica, estica, estica...” E a gente dizia: “Não aguento mais” e ele respondia batendo: “aleja, aleja, aleja que tu consegue!” Então a varinha tinha a ver com lembrar que ele tava ali cuidando, exigindo, que era pra se superar no esforço...

M.L. – Como era a avaliação?

A.B. – Na avaliação final, tinha uma banca que nos avaliava. Acho que as outras que tu entrevistaste já devem ter falado disso. Tinha uma banca que a gente precisava então fazer aula diante da banca então fazíamos a barra, fazíamos a aula do centro e depois disso tínhamos que mostrar uma coreografia que nós deveríamos compor e trazer ensaiada. A Dona Elisa¹² e Dona Amália¹³ que eu jamais esqueci...Guardei o nome delas e a figura delas no coração. Quase sempre o que a gente escolhia era Chopin. E elas tocavam. Eu sempre adorei Chopin. Ouvia nas aulas de balé e em casa com meu pai. Enfim a gente fazia a coreografia diante da banca e além disso nós tínhamos que compor um álbum. Um álbum que era dos passos de dança e das aulas teóricas que o Rolla dava prá nós. Eu lembro que a gente tinha um caderninho durante as aulas, que tinha que anotar o que era plié, dégagé, assemblé, relevé, etc. Também tinha que constar no álbum quais exercícios de barra e de centro de cada ano de preparatório (eram três anos) e de cada ano de ponta (eram seis anos). Além disso pesquisas que a gente pudesse colocar ali, sei lá..., como a vida de Margot Fontaine e outras bailarinas, a história da dança, etc. Cada uma queria fazer um álbum mais lindo.

M.O. - Tu ainda tem o teu álbum?

¹² Nome sujeito a confirmação

¹³ Nome sujeito a confirmação

A.B. - Eu ainda tenho o meu álbum. O meu e o da minha irmã. Ela não quis ficar com o dela e eu guardei os dois. O dela tava mais bonito que o meu...[risos]. Ela se formou um ano depois de mim. Bernadete Langaro¹⁴ é o nome dela, mas depois ela não dançou mais. Eu que segui dançando até que o curso de Psicologia não me permitiu mais. Foi um momento importante de decisão. Não sei bem que ano foi esse, mas a Sayo¹⁵ se lembra bem desse momento. Foi um ano em que o pessoal do balé Stagium esteve aqui em Porto Alegre e convidou algumas bailarinas prá estudar com eles em São Paulo. Eu lembro que foi um momento que eu tive que decidir se eu seguiria investindo naquilo ou eu ficaria com a minha faculdade minha profissão. Eu tinha muito gosto assim pela dança, tenho ainda. O convite era pra turma das formadas, para algumas que o Rolla indicava. Algumas colegas minhas foram e eu resolvi não ir. Não tinha a intenção de ser bailarina profissional. Mas depois, alguns anos mais tarde eu voltei querendo fazer aula, voltei pro Rolla e fiz aula alguns anos, mas não me apresentava mais. Eu fazia aula, participava até dos ensaios às vezes, mas eu sabia que não dava mais pra ter a dedicação necessária pra me apresentar. Com 30 anos tive filhas gêmeas. Elas não tinham cinco anos ainda e coloquei as duas no balé.

M.C.- Tu tem duas filhas?

A.B.- Eu tenho duas filhas gêmeas

M.C.- E elas entraram lá com ele também?

A.B.- Não. Nesta época eu morei em Rio Grande, então lá elas estudaram na escola chamada Arte&Manhas. A dona era a professora Doris¹⁶ e também tinha a professora Denise¹⁷. A maioria das professoras de balé de lá fazia a formação em Pelotas. Eu lembro que chegou um momento em que minhas filha já estavam fazendo aulas de ponta, eu falei com a professora e pedi para ela prá fazer aula também: “tu não te importa que eu faça umas aulinhas”? Ela deixou. Eu já tinha entre trinta, quarenta anos eu acho. Aí eu comecei a fazer as aulas e vi que o mais difícil era acompanhar a velocidade das alunas jovens. A

¹⁴ Bernardete Langaro

¹⁵ Sayonara Pereira

¹⁶ Nome sujeito a confirmação.

¹⁷ Nome sujeito a confirmação.

professora Dena já misturava o clássico com o contemporâneo, então tinha uma coisa assim de rapidez que eu não conseguia acompanhar, embora não tivesse dificuldades com a ponta.

M.C.- Gostaria de saber se tu lembra de algum outro professor convidado que ministrava aulas , o professor Rolla por vezes trazia pessoas de fora lembra de alguma aula assim?

A.B.- Não ! A Regina me deu aula mas ela era também teve uma época que ela era minha colega.

M.C.- E tu chegou a ministrar aulas?

A.B.- Lá no Rolla não, eu ministrei aulas vamos dizer num momento bem curto da minha vida. Eu era bem jovem e estudava no Colégio Nossa Senhora das Graças. Acho que resolvi trabalhar, não sei, mas eu ofereci para as irmãs pra dar aula de balé pras crianças pequenas do jardim e elas acharam ótimo. Então eu me lembro durante dois anos eu dei aula num espaço que era um pátio interno, mas como não tinha barra nem nada elas tinham que se segurar na mesa de ping-pong. Eu achava bem difícil, tinha que botar muito breu no chão para não escorregarem, mas enfim foi onde eu dei aula. Depois disso nunca mais dei aula de balé.

M.C.- Qual a expectativa do professor Rolla quanto a carreira artística de suas alunas?

A.B.- Eu nunca escutei ele dizer que a gente seria profissional. Eu acho que ele tinha essa expectativa em algumas de nós. Tinha esperanças, mas não era alguma coisa que nos preparasse pra sermos profissionais. Pelo menos não no meu tempo. O que eu sentia é que ele queria era fazer um lindo espetáculo de final de ano. Realmente ele nos comparava com tudo que é escola de Porto Alegre. E nós aprendemos a criticar com ele e queríamos ser as melhores. Nós queríamos junto com ele brilhar como a melhor das escolas, o melhor espetáculo, mas ao mesmo tempo quando vinham profissionais, grupos profissionais também havia essa comparação. Mas eu acho que ele tinha uma expectativa talvez secreta ou não com algumas já que eram as pupilas maiores dele que se tornassem profissionais.

M.C.- Tu queres cita-las?

A.B. - Pois é, eu estou tentando ver quem eram a Sheila Silva foi uma que ele apostou bastante que podia se destacar, a Tânia Cestari também noutra época. Ela regula com a Regina Guimarães, talvez um pouquinho mais jovem. Tenho poucos contatos. A Sayonara é que me dá algumas notícias assim. A Sheila continuou em São Paulo e a própria Sayonara que foi pra Alemanha cursar no Instituto da Pina Bausch. No balé clássico era aquela ideia que o corpo de baile tinha que ser todo igual, então as muito altas ficavam sempre no fundo. Também era difícil ele colocar num pas-de-deux porque iriam ficar mais altas do que o bailarino. A Sayonara é super alta e sempre teve pernas lindas e expressivas no balé. A dança contemporânea veio pra dar lugar a talentos como ela. Acho linda a carreira dela.

M.C.- Gostaria que me falasses sobre os espetáculos.

A.B.- Eu adorava dançar Chopin! Eu me lembro disso. Não foram os maiores espetáculos foi os que eu mais gostei de dançar eu acho. Uma coisa que eu me lembro dele nos ensinar de uma forma muito insistente é do quanto se acontecesse algo no palco nós deveríamos sair como bailarinas do palco. Nada de perder o controle. Se desamarrasse a sapatilha ou se por acaso se levasse um tombo: Levanta e sai de cena numa postura de bailarina! Então é isso... foi legal assim aprender... acho que isso deve ter acontecido comigo em algum momento. Me lembro dos espetáculos, dos últimos que eu participei “2001 uma Odisseia no Espaço” que foi levado no Auditório Araujo Viana me lembro que foi muito bonito! Também lembro de participar das operetas que a gente fez junto com o pessoal da Ospa e o Coral da Ospa: “Os Contos de Hoffman” que a gente dançou lá na Reitoria. E também a “Opera Aida” que dançamos no auditório Araújo Vianna. Mas os espetáculos de Chopin pra mim eram o auge da maravilha. Eu sempre sonhava em um dia fazer o pas de deux, o solo. Fiz alguns solos, algumas duplas, uns trios, mas pas de deux nunca fiz. Ele dizia pra mim que eu tinha alma de bailarina e ainda faltava técnica. Tinha que melhorar. Eu nunca fiz espacato naquela época. Agora, depois de velha é que eu tô conseguindo fazer espacato, porque agora eu to fazendo técnica circense e me rasgando mesmo. Mas naquela época fazia espacato quem já tinha o alongamento na constituição física, não havia preparações do corpo fora da aula.

M.O. – Então me fala como se encaminhou a tua vida na dança depois da escola?

A.B.- A dança sempre ficou assim como aquilo.: “ah! Meu Deus! Como eu gostaria de estar lá!” Durante muito tempo eu assistia a espetáculos e chorava. Era uma coisa muito difícil prá mim me despedir da dança! Mas depois uma das minhas filhas seguiu a dança durante um tempo na vida dela. Fez jornalismo, mas também dançou sapateado, jazz e acrobacia aérea em tecido. Eu até fiz alguns ensaios de cursar a dança contemporânea, mas os professores diziam: não, o teu negocio é clássico. Eu não conseguia tirar do meu corpo o balé clássico, não tinha como. E essa filha Camila fez um caminho diferente do meu: logo em seguida saiu da dança clássica e foi pro sapateado. Ela era pequeninha e ótima no sapateado. Depois fez Jazz e dança contemporânea na escola da Jussara¹⁸, aqui em Porto Alegre.

[INTERRUPÇÃO]¹⁹

A.B.- Então, acho que posso dizer que me realizei através delas e também comecei a fazer contatos aqui em Porto Alegre. Quando retornei à Porto Alegre conheci o Laco²⁰ e o pessoal do Grupo MEME. Na época eles estavam começando a formar o grupo com a Fernanda Stein, a Angela Coelho, a Chana²¹, o Rafael²². Eu gostei da ideia e entrei na sociedade. Entrei com pouco, mas gostei de fazer parte deste momento de fundação. Eu fazia aula com o Laco, era toda uma improvisação que tinha que vir sabe lá de onde...Era um super desafio pra mim. Nenhuma coreografia, nenhum ensaio, tudo eu tinha que inventar. Era a partir da expressão espontânea de cada um que o Laco fazia uma coreografia. Foi uma experiência bárbara! Uma coisa de *muita*, muita exploração interna. Pra mim unia as duas coisas que eu mais amava: a dança e o interior. A experiência era de poder conectar o corpo e o psíquico, a emoção e o corpo como uma coisa misturada. Pude trabalhar como psicanalista com eles, quando começou a se estruturar o espetáculo que hoje se chama “Teresinhas”. Em 2010 defendi minha tese sobre Psicanálise e Dança e coloquei o relato deste trabalho. Foi muito importante esta experiência pra mim. Eu escutava as bailarinas, as histórias e as questões delas como mulheres, porque era esse o

¹⁸ Nome sujeito a confirmação.

¹⁹ A entrevistada atende a porta.

²⁰ Paulo Guimarães.

²¹ Nome sujeito a confirmação.

²² Nome sujeito a confirmação.

tema do espetáculo. Elas falavam de si como mulheres e a partir dali elas levavam para a coreografia e das coisas que aconteciam na coreografia elas traziam pro grupo e falavam de como elas se sentiram fazendo aquilo que fizeram se aquilo estava bem se não estava e que outras coisas lembravam etc. Foi um trabalho super interessante! Elas disseram que ajudou muito a poder compor a historia de cada uma ali nos movimentos da coreografia. Claro que o Laco era o que coordenava de modo definitivo a coreografia, mas tinha muito disso da composição própria de cada um, então essa foi minha aproximação com a dança depois de ser psicanalista e poder trabalhar desta forma no Meme.

M.C.- Tu falaste em tese é uma tese doutoral?

A.B.- É! Depois de fazer um mestrado sobre “Adolescência e Instituições” adolescência sempre foi outro ponto que me interessou, eu não sei por que mas enfim, resolvi fazer um doutorado sobre dança no ponto de vista da psicanálise, que tem a ver com a imagem do corpo , pulsão do olhar , pulsão da voz, musica enfim. Resolvi fazer em Paris. Mandeí meu projeto pra várias instituições e na Paris XIII aceitaram. Uma equipe de psicanalistas que trabalha com adolescência gostou da proposta e propôs o tema mais específico: “Corpo Adolescente e a Dança”. Meu orientador foi Eric Bidaud e ele propôs que eu escrevesse um capítulo sobre uma dança que fosse tipicamente brasileira e adolescente. Pensei, pensei e acabei na capoeira, que não é só uma dança, mas também é uma dança. Então resumindo eu fui atrás dos capoeiristas para filmar, gravar entrevistas. E eles me desafiaram a experimentar a capoeira. Acabei vestindo um abada e entrei na capoeira. Isso foi em 2008. Em 2007 que eu comecei a minha tese e até hoje eu estou na capoeira. E na capoeira tu pode imaginar o que aconteceu: se o balé clássico é todo prá cima e todo para o alto e a capoeira é toda rastejada e de cabeça pra baixo, é claro que eu tive uma dificuldade enorme de inverter as minhas posturas.

M.O. - Claro!

A.B.- E a gente passa por um batizado no inicio e recebe um nome, um apelido que quase sempre tem a ver com o modo como a gente se movimenta. Aí eu recebi o nome de Balé. Então na capoeira eu me chamo Balé Abada. Abada porque é o nome do grupo, que existe

em todo o Brasil e no mundo todo. Então eu tenho hoje duas identidades eu sou a Angela e eu sou a Balé. Tem muita gente que só me conhece por Balé.

M.C.- Olha! Interessante!

A.B.- É eu achei legal porque através disso acabei conservando essa origem do balé neste nome que eu ganhei. Alguém que nada tem a ver com o balé reparou nos meus gestos marcados pelo balé. O professor dizia pra mim: “esse pé não existe na África!” e aí me batizou de Balé.

M.O – E para a finalização Ângela, tu teve algum contato com o professor Rolla no período em que ele já estava na clinica?

A.B.- Na verdade eu fiquei sabendo que ele estava cego e eu tive muitas vezes vontade de visita-lo mas não consegui. Não consegui, não sei se eu não queria vê-lo assim tão degradado. Acho que eu queria manter aquela imagem dele como um homem tão maravilhoso que a gente nem sabia dizer que idade tinha. Ele mostrava os giros prá nós, olha só o que vocês tem que fazer e girava na diagonal assim a mil pela sala. E eu pensava: “meu Deus esse homem tem três vezes a minha idade...” Ele sempre foi assim tão vigoroso que eu não sabia a idade que ele tinha, acho que nem queria saber...

M.C.- Tu ainda tem algum material referente aquela época figurinos, fotografias?

A.B. - Figurinos, não. Chegou uma época que eu precisei me desfazer dos figurinos. Mas fotografias, ainda tenho , tenho sim!

M.C.- Estamos chegando ao final da entrevista e tu tens liberdade para registrar ainda mais alguma coisa que consideres importante.

A.B.- Eu fico emocionada de falar porque o professor Rolla foi um pai prá nós, ele tem o nome João que é o nome do meu marido e Luis que é o nome do meu pai. Então teve uma função extremamente importante na formação de nós como mulheres daquela época. Hoje vamos dizer assim, nossas posturas, nosso corpo que foi se formando desde menininha

naquele olhar, daquele homem que nos botava no prumo. Nos ensinou o que fazer com o corpo, como ser graciosas, como ser rainhas. Ele dizia que a gente tinha que ter um olhar de rainha, olhar por cima da plateia lá no fundo. Não tinha que ficar olhando para a plateia pra ver quem tava ali e sim para o fundo. Era algo importante isso que marcou uma formação. É claro que eu poderia aqui fazer toda uma critica também em relação as coisas dessa época que dificultaram algumas vidas talvez, mas não se trata disso acho que assim ele como um bom pai fez o que tinha que fazer. Nos passou muito bem o seu conhecimento e aquilo que ele amava muito e fez muitas de nós amar junto com ele essa arte. Então hoje depois que fui lá prá capoeira, uma dança que ele provavelmente não aprovaria e lá ganhei o nome de balé, eu me sinto, como é que eu vou dizer, genuinamente marcada por essa filiação, que foi a que ele deixou prá nós. Então prá mim ele fez parte da minha família, da minha história, como um pai mesmo.

M.L. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]